

International Journal of Developmental  
and Educational Psychology

# INFAD

Revista de Psicología

Afrontamiento psicológico  
en el siglo XXI



Edita:  
Asociación Nacional de  
Psicología Evolutiva y Educativa  
de la Infancia, Adolescencia, Mayores y  
Discapacidad  
(INFAD)

Año:XXIV, N° 1-Vol.4  
Afrontamiento psicológico  
en el siglo XXI

INFAD  
Revista de Psicología  
2012



Grupo de Investigación  
PSIQUE-EX



GOBIERNO DE EXTREMADURA



UNION EUROPEA  
FONDO EUROPEO DE DESARROLLO REGIONAL  
UNA MANERA DE HACER EUROPA

Año XXIV Número 1 (2012 Volumen 4)

Primer año de edición de la Revista: Año 1989

Lugar de edición Actual (Sede Social): Badajoz

Edita:

Asociación de Psicología Evolutiva y Educativa de la Infancia y de la Adolescencia (INFAD de Psicología)

Urbanización Universitaria, nº 36

06006 Badajoz

España

Tfno y fax +34 924 289482

e-mail: [revistainfad@gmail.com](mailto:revistainfad@gmail.com)

<b>Título abreviado</b>	Infad. Psicol. Infanc. Adolesc.
<b>ISSN</b>	0214-9877
<b>Año comienzo</b>	1989
<b>Periodicidad</b>	Semestral
<b>Editor</b>	Infad de Psicología
<b>Lugar de edición</b>	Badajoz
<b>Soporte</b>	Impresa
<b>Apertura exterior de los autores</b>	Sí
<b>Fecha de actualización</b>	26/04/2005

© INFAD y sus autores.

Los derechos de copyright de los artículos publicados, pertenecen a INFAD: Revista de Psicología. International Journal of Developmental and Educational Psychology. Cualquier otro beneficio derivado de las investigaciones publicadas pertenecen a los autores. Cualquier persona física o jurídica que desee reimprimir parte o la totalidad de algún artículo, deberá obtener permiso escrito del Editor, quien otorgará dicho permiso con el consentimiento del autor. Los autores asumen la plena responsabilidad ideológica de sus trabajos

Area Temática ISOC: Psicología

Area de Conocimiento: Psicología Evolutiva y de la Educación

D.L.: BA-129-2012

ISSN 0214-9877

Imprime: Indugrafic

**DIRECTOR / GENERAL DIRECTOR**  
Florencio Vicente Castro (Universidad de Extremadura)

**DIRECTORES ADJUNTOS / ASSISTANT EDITORS**  
Fernando Lara Ortega (Univ. de Burgos)  
Pilar Domínguez Rodríguez (Univ. Complutense)

**REDACCIÓN / MANUSCRIPS**  
Benito León del Barco (Univ. de Extremadura)  
Isabel Ruiz Fernández (Univ. de Extremadura)  
Jesús López Lucas (Univ. de Salamanca)  
José Jesús Gázquez Linares (Univ. de Almería)  
Jerónimo González Bernal (Univ. de Burgos)

**INFORMACIÓN DOCUMENTAL Y CIENTÍFICA / LIBROS / BOOKS**  
Claudio Longobardi (Univ de Torino, Italia)  
María Isabel Fajardo Caldera (Univ. de Extremadura)  
Vitor Franco. (Univ. de Evora, Portugal)

**EDITORES / GENERAL EDITOR**  
Asociación de Psicología Evolutiva y Educativa de la Infancia, Adolescencia Mayores y Discapacidad (INFAD de Psicología)  
"International Psychological Association of Development, Lifespan and Disabilities" INFAD

**Dirección Postal:**  
Revista INFAD. Revista de Psicología  
Departamento de Psicología. Facultad de Educación.  
Universidad de Extremadura  
06071. Badajoz  
e-mail: [infad@gmail.com](mailto:infad@gmail.com)

**Página WEB:**  
<http://www.infad.eu>

#### CONSEJO DE REDACCIÓN: (Referees)

- Dr. D. Alfonso Barca Lozano (Univ. de la Coruña)  
Dr. D. Agustín Dosal Maceira. (Univ. de Santiago de Compostela)  
Dr. D. Américo Baptista. Professor da Universidade Lusófona.  
Lisboa  
Dr.ª. D.ª. Ana Maria Batista Oliveira Dias Matva Vas (IP.Castelo Branco)  
Dr.ª. D.ª. Anabela Costa Pereira (Univ. de Aveiro, Portugal)  
Dr.ª. D.ª. Antonia Amez Rodriguez. (Univ. País Vasco)  
Dr. D. Antonio García Correa. (Univ. de Murcia)  
Dr. D. Antonio Mesonero Balhondo (Univ. de Oviedo)  
Dr. D. Antonio Ricardo Mira (Univ. de Evora, Portugal)  
Dr. D. Antonio Sánchez Cabaco (Univ. de Pontificia de Salamanca)  
Dr. D. Antonio Vara Coomonte (Univ. de Santiago de Compostela)  
Dr. D. Antonio Ventura Díaz Díaz (Fund. Academia Europea de Yuste)  
Dr. D. Andrea Ciampini. (Universidad LUMNSA. Roma, Italia)  
Dr. D. Arrigo Pedon. (Univ. LUMSA, Roma Italia)  
Dr.ª. D.ª. Ascensión Antón Nuño (Univ. de Burgos)  
Dr. D. Benito León del Barco. (Univ. de Extremadura)  
Dra. D.ª. Bianca Dapelo Pellerano, Univ. Estatal, Valparaíso, Chile  
Dr. D. Carlos Augusto Amaral Dias. (Univ. de Coimbra, Portugal)  
Dr. D. Carlos Simões. Professor da Universidade Lusófona.  
Lisboa  
Dr. D. Celedonio Pérez de las Vacas (Univ. de Extremadura)  
Dr. D. Claudio Longobardi. (Univ. de Torino, Italia)  
Dr.ª. D.ª. Conceição Couvaneiro. Universidade Lusófona. Lisboa  
Dr. D. Daniela Aquadro (Univ. de Torino, Italia)  
Dr. D. David Padilla Góngora (Univ. de Almería)  
Dr. D. David Vence Valiñas (Univ. Complutense)  
Dr.ª. D.ª. Elena del Campo Adrian (UNED)  
Dr.ª. D.ª. Elena García Alcañiz. Univ Complutense, Madrid  
Dr. D. Fernando Baciaicoa Ganuza (Univ. País Vasco)  
Dr. D. Fernando Fajardo Buitón. Univ. de Extremadura)  
Dr. D. Fernando Justicia Justicia, Univ. de Granada.  
Dr. D. Fernando Lara Ortega (Univ. de Burgos)  
Dr.ª. D.ª. Francisca Lucas Acien (Univ. de Almería)  
Dr. D. Francisco Alcantud (Univ. de Valencia)  
Dr. D. Francisco Casanova Arias (Univ. de Jaen)  
Dr. D. Francisco González Calleja (Univ. Complutense)  
Dr. D. Francisco Mateos Claros (Univ. de Granada)  
Dr. D. Francisco Martín del Buey. Univ. de Oviedo  
Dr. D. Francisco Miras Martínez (Univ. de Almería)  
Dr. D. Francisco Ramos Campos (Univ. de Salamanca)  
Dr. D. Francisco Rivas Martínez (Univ. de Valencia)  
Sra. D. Francisco Sevillano Sevillano (Secretario COP C y L.)  
Dr. D. Fulvio Giardina (Univ. de Catania, Italia)  
Dr. D. Giorgio Soro. (Univ. de Torino, Italia)  
Dr. D. Gonzalo Sampascual Maicas (UNED)  
Dr.ª. D.ª. Guadalupe Fajardo Caldera (Univ. de Extremadura)

## COMPETÊNCIAS EMOCIONAIS: UMA QUESTÃO DE GÉNERO?

Celeste Antão<sup>1</sup>

Maria Augusta Veiga Branco<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Professora Adjunta, Instituto Politécnico de Bragança. Escola Superior de Saúde  
Avenida D. João V. 5300- 121  
celeste@ipb.pt

<sup>2</sup>Professora Coordenadora, Instituto Politécnico de Bragança. Escola Superior de Saúde  
aubra@ipb.pt

*Fecha de recepción: 10 de febrero de 2012*

*Fecha de admisión: 15 de marzo de 2012*

### ABSTRACT

Recognizing the relationship between emotional responses, cognitive functioning and learning (Ruthig *et al.*, 2008, 2009; Chung, I., 2010), is the scientific ground to the goals of this research: Firstly, is to know the capacities levels in the Emotional Competence (CE.) profile in students of higher education, and secondly, is to study the differences between genders, in the five capacities levels of their Emotional Competence's profile. This quantitative and descriptive study, was performed in a probabilistic sample including 438 students of higher education from North Portugal, and the instrument applied was "Escala Veiga de Competência Emocional" (EVCE), developed by Veiga-Branco (2004a, b). Results show that CE profiles have - in this sample of students - some differences on capacities: firstly, 50% of students show a level above "moderate" in the capacities: Self-conscience, Empathy and Emotions Management in Group". But, more than 50%, present values below "moderate", in "Emotions Management" and "Self-motivation". Finally, gender proved to be a moderate variable, as follows: female present a superior level in Self-motivation profile, than male.

**Keywords:** Competence, Emotion, Gender, Higher education

### RESUMO

Assume-se que a relação entre as respostas emocionais expressas pelos estudantes, os seus modelos funcionais cognitivos e aprendizagem (Ruthig *et al.*, 2008) é o fundamento para os objetivos desta pesquisa: Primeiro, é conhecer o nível das capacidades do perfil de Competência Emocional (C.E.) dos estudantes do ensino superior, e posteriormente estudar essas diferenças entre géneros, ao nível das capacidades do seu perfil de C.E. Este estudo de carácter quantitativo e descritivo, foi levado a cabo numa amostra não probabilística "acidental" constituída por 438 estudantes, e o Instrumento de Recolha de Dados utilizado foi a "Escala Veiga de Competência Emocional" (EVCE), instrumento desenvolvido por Veiga-Branco (2004a, b). Os resultados mostram que mais de 50% dos estudantes registam um nível acima do moderado nas capacidades: Auto consciência, Empatia e Gestão das emoções em grupo. Todavia, a maioria regista valores abaixo do

moderado nas capacidades Gestão de emoções e Auto motivação. Tendo em conta a distribuição dos estudantes pelos níveis das capacidades de C.E., apenas se registaram diferenças por género na capacidade Auto motivação: são em maior número os inquiridos do género feminino que registam um nível acima do moderado quando comparado com o género masculino.

**Palavras-chave:** Competência, Emoção, Género, Ensino Superior.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo, parte da emoção como uma resposta filogeneticamente programada, não só no sentido da sobrevivência (Damásio, 2010) mas também do desenvolvimento (Goleman, 1995), e de como a tonalidade emocional que caracteriza os sentimentos construídos a partir de uma determinada emoção, pode condicionar as competências de e para a aprendizagem (Sansone, & Thoman, 2005) e como essa paisagem emocional é importante nas etapas de desenvolvimento do sujeito (Cohen, 1999). Assim, utiliza-se aqui o conceito de Competência Emocional (Bisquerra 2002; Veiga Branco 2004a, b) estruturado a partir da concepção teórica inicial de Inteligência Emocional (Salovey; Meyer, 2000), para procurar compreender a importância que as vivências emocionais têm, tanto sob o ponto de vista psicológico como fisiológico dos sujeitos, e a sua mais-valia nos processos motivacionais para a sua formação. De acordo com Vaz Serra (1999), do ponto de vista social as emoções desempenham um papel de especial relevo na motivação humana, podendo mesmo influenciar aspectos como a personalidade, as relações sociais e o desempenho profissional, a vida sexual, em suma a forma de viver dos indivíduos, e portanto também ao nível da educação. Todavia, e mais precisamente, procurou saber-se de que forma ao género, poderia ser uma variável moderadora no processo.

Desde os anos 90 do sec. XX, a temática referente à inteligência emocional (IE), emergiu na literatura com a comprovação de forte intervenção da Inteligência Emocional, como variável fortalecedora dos resultados na prestação de ensino, aprendizagem e desempenho laboral (Chermis, 2000; Jaeger, 2003). Actualmente e no mundo ocidental, também a literatura atual vem apresentando relações cada vez mais consistentes, não só entre o tipo de emoções que os estudantes sentem e o seu nível de aprendizagem (Ruthig, et al, 2008), como também, ao nível da sua percepção de saúde (Ruthig, et al, 2009). Já anteriormente, as pesquisas nesta mesma área, e com objectivos semelhantes, foram sugestivas, relativamente ao impacto que os sentimentos dos estudantes tiveram sobre o nível de aprendizagem que realmente ocorre (Sansone e Thoman, 2005; Efklides e Petkaki, 2005). Mas, e mais recentemente, os resultados obtidos por Maidment, J.; Crisp, B. (2010), vieram corroborar essa relação positiva entre a componente da expressão de sentimentos (sejam positivos e ou negativos) dos estudantes, com o seu nível de percepção (positivo ou negativo) de aprendizagem efetuada. Estes dados são relevantes para quem está em formação e para quem gere este processo. Mas agora existe uma nova evidência demográfica: Até aos anos 90 do sec. anterior, a dominância demográfica nas universidades, situava-se no género masculino, facto que se foi alterando e modificando a predominância de género. A apresentação deste estudo é pertinente, porque nos atuais contextos do ensino superior – e por oposição a toda a história demográfica da população estudantil nas décadas passadas – cada vez é maior a afluência de estudantes do género feminino.

Assim, retoma-se a evidente e comprovada relação entre as respostas emocionais expressas pelos estudantes, os seus modelos funcionais cognitivos e as formas e níveis de aprendizagem conseguida (Ruthig et al., 2008), para estudar agora outros componentes, como é o género, e suas expressões de perfil em Competência Emocional, para daqui podermos pensar que tipo de relações com as motivações e com a aprendizagem, podem ser esperadas.

No campo formativo, as implicações desta pesquisa são de considerável mais-valia para compreender os movimentos emocionais e cognitivos em torno da aprendizagem, já que poderemos

conhecer também quais as formas como os professores podem ajudar no processo, através do melhor reconhecimento dos atuais fatores de moderação.

A questão que se retoma, é se a actual paisagem demográfica estudantil, constituída por turmas com maior densidade populacional feminina, poderá apresentar diferenças de perfil de Competência Emocional, e se os estudantes do sexo feminino apresentam diferenças relevantes relativamente aos seus colegas do sexo masculino. Ou seja: deveremos preparar-nos para quaisquer alterações – emergentes do ponto de vista demográfico – nomeadamente, para uma atitude emocional diferente perante a aprendizagem?

A questão do género veio sendo estudada, de forma mais ou menos evidente. Em estudos anteriores, numa amostra de professores, verificou-se diferença entre as variáveis preditivas da Competência Emocional entre género (Veiga-Branco, 2004a); para o perfil de C.E. no sexo feminino, a análise de regressão excluiu a empatia; e no sexo masculino foi excluída a gestão de emoções em grupos. Curiosamente, também aqui, a capacidade "Auto motivação" da C.E. apresentou valores diferentes: as mulheres da amostra obtiveram valores significativamente menos elevados do que os homens, o que sugere uma maior capacidade por parte destes em manterem o optimismo e a esperança em relação às mulheres. Num outro estudo anterior, numa amostra de estudantes do ensino superior (Veiga-Branco, 2004b), também se verificou que esta capacidade de auto motivação, apresentou diferenças estatisticamente significativas entre género para alguns itens da "Auto motivação": os estudantes do sexo masculino, obtiveram valores menos elevados, o que sugere uma menor capacidade em se manterem "abstraídos do tempo" enquanto realizavam tarefas; e ao contrário, são estes que conseguem "controlar o impulso, esperando para agir" mais frequentemente, do que as estudantes do sexo feminino.

Também foram verificadas diferenças num estudo anterior em Inteligência Emocional, de Fernandez-Bercoval; Ramos y Extremera (2001), já que nesta amostra, as mulheres obtiveram níveis mais elevados relativamente ao perfil de Inteligência Emocional global, de percepção de emoções, compreensão e gestão emocional, o que segundo estes autores – e corroborando já estudos antecedentes (Mayer et al., 1999; Morand, 1999) – comprovou que as mulheres são melhores que os homens na percepção das emoções.

Assim, a bibliografia veio apresentando que apesar de nem o construto de Inteligência Emocional tal como o de Competência Emocional, não serem um construto linear, apresentavam sempre qualquer alteração diferenciadora entre os géneros.

## MÉTODO

Fundamentalmente, e em finalidade pretendemos perceber como é que as vivências emocionais actuais poderão deixar perspectivar o desenvolvimento dos processos de formação. Por isso, pretende aceder-se ao nível de Competência Emocional nos cinco domínios distintos, nomeadamente: auto consciência, gestão das emoções, auto motivação, empatia e gestão das emoções em grupo. Através da aplicação de um Instrumento de Recolha de Dados (EVCE), aos estudantes que frequentam um curso numa instituição de ensino superior, localizada no Interior Norte de Portugal, no ano lectivo de 2010-2011, procura-se dar resposta às seguintes questões:

- 1) Como se apresenta este perfil de C.E. desta amostra de estudantes do ensino superior?
- 2) Será que podem verificar-se diferenças entre as variáveis preditivas da C.E. entre género, corroborando estudos anteriores, como em Fernandez-Bercoval; Ramos y Extremera (2001), ou como posteriormente em Veiga-Branco, (2004a)?
- 3) Será que também esta amostra apresentará que as mulheres são melhores que os homens na percepção das emoções, como em Mayer et al., (1999); ou em Morand, (1999), corro-

borados posteriormente por Fernandez-Berrocal; Ramos y Extremera (2001)?

- 4) Na perspectiva desta amostra de estudantes qual é o perfil de cada uma das capacidades da C.E.? Será que é igual, independentemente do género do inquirido?
- 5) Será que também nesta amostra se verifica que a capacidade "Auto motivação" da C.E. apresenta valores diferentes entre género, corroborando Veiga-Branco, (2004a):?
- 6) Será que o perfil de C.E. destes estudantes, pela vivência de emoções positivas poderá apontar para uma melhor relação com a aprendizagem, refletindo aqui os resultados de Ruthig et al., (2008), e os mais recentes de Maidment, J.; Crisp, B. (2010)?

#### Objectivos

Respeitando assim, todo o conjunto de pressupostos atrás colocados, e os resultados publicados das pesquisas efectuadas, e considerando todo este conjunto de diferenças, a abordagem desta pesquisa, aborda o processo de conhecer em particular o perfil de C.E. neste novo contexto demográfico, através respostas emocionais dos estudantes e as respectivas diferenças ao nível da variável género. Para esta finalidade, foram formulados os seguintes objectivos:

- Conhecer, com base numa autoavaliação feita pelos estudantes de ensino superior, o perfil global de Competência Emocional, ao nível de cada uma das capacidades que insere o construto;
- Comparar cada um dos níveis de cada uma das capacidades de C.E., entre os géneros.

#### Amostra

Foi seleccionada uma amostra não probabilística acidental constituída por 438 estudantes que frequentavam um curso, de uma instituição de ensino superior pública, localizada no Interior Norte de Portugal, no ano lectivo 2010-2011. Curiosamente, e tal como foi expresso na apresentação contextual demográfica para o ensino superior, também esta amostra se apresenta maioritariamente do género feminino, com 66,2% de respondentes, por oposição ao género masculino, que constituem 33,8% de respondentes.

Os critérios de inclusão amostral foram: a matrícula numa Instituição de ensino superior, não ter tido mais de duas reprovações, não ter havido abandono por mais de dois anos consecutivos, e ter uma idade compreendida entre 18 e 35 anos de idade.

#### Instrumento

O Instrumento de Recolha de Dados utilizado para a recolha dos dados foi a "Escala Veiga de Competência Emocional" um instrumento desenvolvido por Veiga-Branco (2004a, b). É um formulário, constituída por 86 itens, fundamentados no conceito inicial de Inteligência Emocional (Salovey; Meyer, 2000), e que sucessivamente modificados e aferidos em anteriores estudos, pretendem avaliar os níveis das capacidades de Competência Emocional, distribuídos em cinco grandes domínios, designadamente: "Auto consciência", "Gestão de emoções", "Auto motivação", "Empatia" e "Gestão das emoções em grupo". Cada variável independente (item) tem uma unidade de medida de sete pontos numa escala tipo Likert (1 - Nunca; 2 - Raramente; 3 - Pouco frequente; 4 - Por norma; 5 - Frequentemente; 6 - Muito frequente e, 7 - Sempre). Com esta escala, os inquiridos indicaram a frequência temporal da vivência de determinadas situações de carácter emocional, e expressavam - através de memória - a frequência com que sentiam as expressões emocionais apresentadas, e como colocavam em prática as suas capacidades de Competência emocional.

#### Procedimentos

A recolha de dados realizou-se durante os meses de Junho e Julho do ano de 2011. Foi solicitado aos estudantes o preenchimento do questionário colocado *online*. O tempo total de preenchimento do questionário foi de cerca de 20 minutos. O programa informático utilizado para editar e tra-

tar os dados foi o SPSS 20.0 (*Statistical Package for Social Sciences*). Recorreu-se ao cálculo de frequências, absolutas e relativas, para caracterizar a amostra e à utilização do teste estatístico Qui-Quadrado ( $\chi^2$ ) para comparar o nível das capacidades de inteligência emocional por género. Foi considerado um nível de significância de 5%.

## RESULTADOS

Relativamente à amostra em estudo, estão representados 438 estudantes, 290 do género feminino (66,2%) e 148 do género masculino (33,8%). Tal como é apresentado na Tabela 1 - "Frequências das variáveis: Género, classes etárias, estado civil e habitação em tempo de aulas", poderemos verificar que relativamente às classes etárias, predomina o intervalo de idades dos 20 aos 22 anos (56,8%), seguindo-se as categorias de idades dos 17 aos 19 anos (22,4%), dos 23 aos 25 anos de idade (13,5%) e, por fim, a classe de idades superior a 25 anos (7,3%). O estado civil dos respondentes é na sua grande maioria solteiro (97,3%) e mais de 70% vive com amigos em tempo de aulas.

Relativamente ao perfil das capacidades da C.E., e através dos 86 itens, que pretendiam medir a frequência temporal de situações vividas pelos estudantes, e nas quais experimentavam as suas vivências emocionais, as respostas variavam entre 1 (nunca) a 7 (Sempre), sendo o ponto médio de intervalo da resposta de 4,0. Tendo em conta esta referência, pode ver-se que as capacidades "Gestão das emoções" e "Auto motivação" registam valores abaixo do moderado, estando as restantes capacidades - "Auto consciência", "Empatia" e "Gestão das emoções em grupo". ligeiramente acima do moderado.

Assim, e através da Tabela 2 - "Distribuição dos inquiridos pelos níveis das cinco capacidades de Competência emocional", apresenta-se a distribuição dos inquiridos por níveis, tendo em conta as suas capacidades de Competência emocional. Com base nestes resultados, pode concluir-se que mais de 50% dos estudantes possuem um nível acima do moderado no que diz respeito às capacidades "Auto consciência", "Empatia" e "Gestão das emoções em grupo". Todavia, a maioria regista valores abaixo do moderado nas capacidades "Gestão de emoções" e "Auto motivação".

Para atingir o segundo objectivo, ou seja, a comparação das capacidades de Competência emocional por género, utilizou-se o teste do ( $\chi^2$ ) para um nível de significância de 5%.

Tendo em conta a distribuição dos inquiridos pelo nível das capacidades de Competência Emocional, de acordo com a Tabela 3 - "Comparação das capacidades Competência emocional por género", pode observar-se que não existem diferenças entre géneros, em quatro das cinco capacidades de C.E.. Isto significa que o número de inquiridos que registam níveis abaixo do moderado, moderado e acima do moderado é sensivelmente o mesmo, em termos estatístico, no género feminino e no género masculino. Contudo, no que diz respeito à capacidade "Auto motivação" são em maior número os inquiridos do género masculino que registam valores acima do moderado quando comparado com o género feminino.

## DISCUSSÃO/ CONCLUSÕES

Partiu-se de um conjunto de questões, que agora servirão para dar contexto à Discussão de resultados:

O perfil de Competência Emocional desta amostra de estudantes do ensino superior, comprova que no global, há 161 (36%) estudantes, (considerando as distribuições da escala de Lickert para cada item) que *por norma* sentem que vivem contextos de vida com Competência Emocional, havendo até 171 que o sentem *frequente ou muito frequentemente* (Tabela 2), mas há também 106 estu-

dantes - que representam 24,2% da amostra - que assumem viver esses contextos só *raramente* ou *pouco frequentemente*. Este sinal é preocupante, e possivelmente significativo de qualquer evidência de motivação pouco frequente em contextos de formação.

Por isto, também expressam que é *raramente* ou *pouco frequente* a sua capacidade para a "Gestão das emoções" e para a "Auto motivação", já que se situam em valores abaixo do moderado, mas mantendo a percepção de *maior frequência* para a "Auto consciência", "Empatia" e "Gestão das emoções em grupo". No global, não se verificaram diferenças entre as variáveis preditivas da Competência Emocional entre gênero, pelo que não foram corroborados os estudos anteriores, seja de Fernandez-Berrocal; Ramos y Extremera (2001), ou de Veiga-Branco, (2004a). Mas relativamente às diferenças entre gênero, são em maior número os inquiridos do gênero feminino que registam valores de C.E. acima do moderado, quando comparado com o gênero masculino (41,8% contra 38,2%), embora, embora não significativamente, pelo que, também aqui se verifica o fenómeno já encontrado em Mayer et al., (1999); e em Morand, (1999), corroborados posteriormente por Fernandez-Berrocal; Ramos y Extremera (2001).

Não são registadas diferenças significativas relativamente ao perfil das capacidades de Competência Emocional relativamente ao gênero do inquirido. Todavia, também aqui se verifica que a capacidade "Auto motivação" da C.E. apresenta valores diferentes entre gênero, corroborando Veiga-Branco, (2004a), já que também são os estudantes homens, os que em maior número registam valores acima do moderado quando comparado com o gênero feminino. Também aqui se corroboram os estudos de Queirós e Neri (2005). Estes autores - utilizando a Medida de Inteligência emocional de Siqueira e colaboradores, avaliando cinco dimensões fatorias: (empatia, sociabilidade, automotivação, autocontrole e autoconsciência) - numa amostra de 125 indivíduos entre os 45 e 69 anos, comparando os grupos etários e de gênero quanto ao bem estar psicológico e à inteligência emocional verificaram algumas diferenças significativas: verificaram que os homens são mais automatizados do que as mulheres e uma leve tendência para estes também serem mais auto-conscientes independentemente da idade.

O perfil de C.E. destes estudantes, pela pouca frequência com que vivem a sua "Gestão das emoções" e a "Auto motivação", não é exactamente indicativo de vivência de emoções positivas apontadas como favorecedoras de melhor relação com a aprendizagem, pelo que não podem aqui perspectivar-se as reflexões apresentadas a partir dos resultados de Ruthig et al., (2008), e os de Maidment, J.; Crisp, B. (2010), mas o facto de haver mais raparigas que vivem *mais frequentemente* a "Auto consciência", a "Empatia" "Auto motivação", (Tabela 2), pode ser altamente promissor, neste tipo de sinergia. Todavia não era objectivo neste estudo comparar o perfil de C.E. e aprendizagem, trabalho que por tudo o exposto, se considera pertinente para um futuro próximo.

### CONCLUINDO...

Atingimos os nossos objectivos e pudemos aceder a resultados e encontrar outras diferenças ainda não documentadas, tais como:

- Apesar de em menor número, são os rapazes que obtêm melhor perfil de "Auto motivação", pelo que poderão estar emocionalmente disponíveis para "fabricar" o optimismo e a esperança, factores protetores de motivação.

- As diferenças estatisticamente significativas em "Auto motivação", significam que existem diferenças na distribuição dos alunos pelos três níveis considerados.

- Há mais raparigas que vivem *mais frequentemente* a "Auto consciência", a "Empatia" "Auto motivação", (Tabela 2), o que de algum modo vem corroborar os resultados de Antão e Veiga-Branco (2011) numa população com características idênticas, em que o gênero feminino - relativa-

mente aos factores de proteção para com a sua sexualidade - apresentava uma média mais elevada que o masculino, o que revela maior "Auto consciência" da problemática das doenças associadas a uma sexualidade desprotegida.

São as mulheres que em maior número procuram planear e realizar projectos, acreditando na concretização de objectivos com entusiasmo apesar das adversidades. Na opinião de Petrides, Furnham & Martin (2004) a inteligência emocional é entendida, sistematicamente, como um atributo do gênero feminino.

Conhecemos as perspectivas de algumas relações entre emoção e aprendizagem nos paradigmas clássicos de população de formandos, mas a actualidade trouxe mudanças demográficas com o acentuado de prevalência para o sexo feminino. Poderá esta realidade mudar de alguma forma? Terão as mulheres qualquer capacidade emocional em maior ou menor nível que os homens e que seja por isso factor moderador das vivências emocionais, e que portanto possa mudar a relação com as motivações e com a aprendizagem? Promover a compreensão deste fenómeno, no impacto da emoção na aprendizagem no contexto formativo, potencia a compreensão dos professores e as metodologias selecionadas no processo de aprendizagem.

### BIBLIOGRAFIA

- Antão, C.; Veiga-Branco, A. (2011). Percepção de saúde em alunos do ensino superior: atitudes e comportamentos promotoras de saúde, *International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD*, 3(1): 479-487.
- Bisquerra, R. (2002). La competencia emocional. In Álvarez, M. y Bisquerra, R., Manual de orientación y tutoría. Barcelona: Praxis. (pp. 144/69-144/83).
- Chermis, C. (2000) 'Social and emotional competence in the workplace', in The Handbook of Emotional Intelligence Theory, Development, Assessment, and Application in the Home, School and in the Workplace, eds R. Bar-On & J.Parker, Jossey-Bass, San Francisco, CA.
- Cohen, J. (1999). Learning about Social and Emotional Learning: Current Themes and Future Directions. En J. Cohen (Ed.), Educating Minds and Hearts. Social Emotional Learning and the Passage into Adolescence (pp.184-190). New York: Teachers College, Columbia University
- Costa, A. (2009). *Inteligência Emocional e Assertividade nos Enfermeiros*. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Especialização em Psicologia da Saúde. Universidade do Algarve. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
- Damásio, A. (2010). O Livro da Consciência. A construção do cérebro consciente. 1ª Ed. Men Martins. Temas e Debates.
- Efkliides, A. & Petkaki, C. (2005) 'Effects of mood on students' metacognitive experiences', Learning and Instruction, vol. 15: 415-431.
- Fernandez-Berrocal, P.; Ramos, N. y Extremera, N. (2001). Inteligencia Emocional, Supresión Crónica de Pensamientos y Ajuste Psicológico. Boletim de Psicologia, 70, Marzo 2001, 79-95.
- Goleman, D. (1995). *Emotional intelligence: Why it can matter more than IQ*. Nueva York: Bantam Books.
- Goleman, D. (1999). *La Inteligencia emocional en la empresa*. Barcelona: Vergara.
- Goleman, D. (1999). *La práctica de la inteligencia emocional*. Barcelona: Kairós.
- Jaeger, A. (2003) 'Job competencies and the curriculum: an inquiry into Emotional Intelligence in graduate professional education', *Research in Higher Education*, 44, 6: 615-639.
- Maidment, J.; Crisp, B. (2010). The Impact of Emotions on Practicum Learning, *Social Work Education*, First published on: 20 August 2010:1-14.
- Mayer, J.; Caruso, D.; Salovey, P. (1999). Emotional Intelligence metes traditional standards for an Intelligence. *Intelligence*. 27, 267- 298.

Morand, D. A. (1999). Family size and Intelligence revisited: the role of Emotional Intelligence. *Psychological Reports*, 84, 643 – 649.

Petrides, K., Furnham, A. & Martin, G. (2004). Estimates of Emotional and Psychometric Intelligence: Evidence for Gender-Based Stereotypes. *Journal of Social Psychology*, 144 (2):149-162.

Queirós, N. C. ; Neri, A. L. (2005). Bem estar Psicológico e Inteligência Emocional entre Homens e Mulheres na meia Idade e na Velhice, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (2). P. 292-299 disponível em: <https://webmail.ipb.pt/index.php/mail/viewmessage/getattachment/folder/INBOX/uniqueId/7761/fileNameOriginal/Bemestar%2BPsicol%25C3%25B3gico%2Be%2BIntelig%25C3%25AAncia%2BEmocional%2Bentre.pdf>, consultado em 20 janeiro de 2012.

Ruthig, J. C., Perry, R. P., Hladkyj, S., Hall, N. C., Pekrun, R., & Chipperfield, J. G. (2008). Perceived control and emotions: Interactive effects on performance in achievement settings. *Social Psychology of Education*, 11, 161-180.

Ruthig, J. C., Haynes, T. L., Stupnisky, R. H., & Perry, R. P. (2009). Perceived academic control: Mediating the effects of optimism and social support on college students' psychological health. *Social Psychology of Education*, 12, 233-249.

Sansone, C. & Thoman, D. (2005) 'Does what we feel affect what we learn? Some answers and new questions', *Learning and Instruction*, vol. 15: 507–515.

Vaz-Serra, A. (1999). O stress na vida de todos os dias. Coimbra: Gráfica de Coimbra Lda.

Veiga-Branco, A. (2004). *Competência Emocional*. Coimbra: Quarteto

Veiga-Branco, A. (2004). *Auto-Motivação*. Coimbra: Quarteto

TABELAS

Tabela 1 – Frequências das variáveis: Género, classes etárias, estado civil e habitação em tempo de aulas

Variáveis	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
<b>Género</b>		
Masculino	148	33,8
Feminino	290	66,2
<b>Classes etárias (anos)</b>		
17-19	98	22,4
20-22	249	56,8
23-25	59	13,5
>25	32	7,3
<b>Estado civil</b>		
Solteiro	426	97,3
Outro	12	2,7
<b>Com quem vive em tempo de aulas</b>		
Amigos	330	75,3
Família	53	12,1
Namorado(a)	16	3,7
Sozinho(a)	26	5,9
Amigos e namorado(a)	13	3

Tabela 2 – Distribuição dos inquiridos pelos níveis das cinco capacidades de C.E.

Capacidades de C. E.	Nível					
	Abaixo de moderado		Moderado		Acima de moderado	
	n	%	n	%	n	%
1.Autoconsciência	65	14,8	124	28,3	249	56,8
2.Gestão emoções	233	53,2	101	23,1	101	23,1
3.Auto motivação	238	54,3	100	22,8	100	22,8
4.Empatia	78	17,8	88	20,1	272	62,1
5.Gestão Emoções em grupo	95	21,7	91	20,8	252	57,5
Competência Emocional	106	24,2	161	36,8	171	39,0

Tabela 3 – Comparação das capacidades de Competência Emocional por género

Capacidades de C.E.	Grupo	Nível (%)			p-valor
		<moderad	Moderad	>moderad	
1.Auto consciência	Masc	18,2	24,3	57,9	0,222
	Femi	13,1	30,3	56,6	
2.Gestão emoções	Masc	48,6	25,7	25,7	0,390
	Femi	55,5	21,7	22,8	
3.Auto motivação	Masc	20,3	22,3	57,4	0,011*
	Femi	16,6	19	64,5	
4.Empatia	Masc	50	31,1	18,9	0,352
	Femi	56,6	18,6	24,8	
5.Gestão das emoções em grupo	Masc	18,2	20,3	61,5	0,395
	Femi	23,4	21,0	55,5	
Competência Emocional	Masc	22,1	39,7	38,2	0,355
	Femi	25,7	32,5	41,8	

\* Existem diferenças entre os grupos para nível de significância de 5%